

APRESENTAÇÃO

Instruções Poéticas: Modos de Usar

0. Instruções de Arranque em Jeito de Preâmbulo Operacional

0.1 Preparar o Terreno

O presente número da *eLyra*, **Instruções Poéticas: Modos de Usar**, propõe-se como um espaço de encontro entre poesia e os chamados “discursos programadores” – enunciados que, como definiu Greimas, incitam à ação. Desde o início, quisemos que este dossiê fosse mais do que uma sequência de textos críticos e criativos: por isso, imaginámo-lo como um manual aberto, um território onde as palavras se desdobram em gestos, comandos, receitas, tutoriais, sugestões, por vezes com ironia, outras vezes em franca insubordinação.

Oscilando entre injunção e jogo, os ensaios e poemas (incluindo ensaios poéticos e poemas ensaísticos) que se seguem recusam o ideal moderno de intransitividade estética, afirmando a linguagem poética, em todas as suas formas, como força capaz de entrecruzar página, voz, corpo e tecnologia – por exemplo, ecoando a escrita técnica dos manuais, subvertendo-a e, por vezes, reinventando-a.

Uma outra intenção deste dossiê passou por acolher formas expandidas de poesia – visual, processual, digital – bem como ensaios visuais, ou multimodais, atentos aos protocolos e constrangimentos criativos que sustentam a produção contemporânea. É nesse sentido que, nas propostas apresentadas, as instruções deixam de ser meras prescrições para passarem a habitar o próprio processo criativo: como regras do jogo, *constraints* autoimpostos, tornando-se motores do ensaio e/ou do poema.

Mas antes mesmo de entrar no jogo, importa reconhecer a gramática dos gestos que aqui se oferecem: um terreno irregular, semeado de comandos e sugestões que se cruzam e sobrepõem. Por isso, cada texto que se segue é também um manual possível – ou vários – pronto a ser lido, experimentado, refeito, contradito. Assim como é um espaço que pede ao leitor que se mova com curiosidade e disponibilidade, aceitando a incerteza dos percursos e a multiplicidade das interpretações.

Preparar o terreno é, pois, aceitar o convite para caminhar por entre palavras que são também ações, para descobrir nelas um modo de fazer, de pensar, de perturbar. É, sobretudo, dispor-se a entrar em jogo.

0.2 Esquema de Montagem

As peças deste número não se apresentam como um bloco compacto, mas como um conjunto de módulos combinatórios, dispostos num mecanismo aberto à experimentação. Ensaios, poemas, recensões e dispositivos poemáticos compõem um mosaico que o leitor pode montar, desmontar e recompor ao seu ritmo, traçando percursos, saltando entre gestos e instruções, construindo a sua própria deriva por este manual fragmentário.

O primeiro módulo – 0. *Instruções de Arranque em Jeito de Preâmbulo Operacional* — abre o volume com uma sequência de comandos iniciais, estes que aqui se leem, preparando o leitor-jogador para a experiência que se segue, esclarecendo a gramática, a montagem e a entrada no jogo.

Segue-se 1. *Modos de Imersão*, um conjunto de ensaios longos que mergulham na ideia de instrução poética em profundidade, explorando a escrita injuntiva como gesto, método e jogo. Pedro Eiras lê o poema “Como se desenha uma casa”, de Manuel António Pina, como um conjunto de instruções, interrogando a técnica e o confronto com o desconhecido a partir do diálogo com a tela *Outside/Inside*, de Joana Rêgo, e com o imaginário da casa no poeta. Joana Barossi vê o gesto descritivo de Georges Perec diante da pintura *São Jerónimo no seu gabinete* como um modo de habitar o espaço pela linguagem, onde ver e dizer se confundem para construir novas formas de percepção. Juliana de Assis explora o poema “então descemos para o centro da terra”, de Marília Garcia, como um mapa crítico em que raízes e memórias se entrelaçam, reconfigurando os procedimentos do naturalismo para inventar outras formas de ver e saber. Samilly Moreira da Cruz e Cristiane de Mesquita Alves analisam a poesia *slam* de mulheres surdas brasileiras, mostrando como os poemas – em Libras e em português – se afirmam como práticas de resistência, combate e (re)existência feminista e surda. Philipp Teuchmann e Diogo Ferreira interrogam a aporética da operatividade e da instrução na arte contemporânea, articulando inoperatividade e instruções paradoxais a partir de exemplos de videogames para pensar a possibilidade artística e política de uma fuga aos dispositivos cibernéticos. Terhi Marttila e Pedro Cardoso propõem uma poética do pseudocódigo, esboçando programas imaginários que interrogam criticamente os gestos e hábitos do uso contemporâneo dos *smartphones*.

No módulo 2. *Protocolos de Ativação*, reunimos textos que propõem gestos mais concisos, exercícios críticos e dispositivos performativos. Aqui, as instruções são breves, mas não menos incisivas: cadernos de regras, programas performativos, convergências entre artistas conceptuais, fugas queer e corpos em tradução configuram um conjunto de práticas localizadas, reflexivas e interventivas. Ana Bartolo propõe o seu *Caderno de regras* como uma reflexão sobre a leveza e a imperceptibilidade do gesto, a partir de uma anotação de Emilio Renzi (alter ego do escritor argentino Ricardo Piglia), explorando no diário de escritor um repertório de condutas poéticas, dicas, prescrições e instruções que convocam o leitor a experimentar a escrita como deslize. Tania Alice e

Zé Caetano constroem o seu ensaio a partir de uma troca de instruções performativas – por cartas, mensagens e telefonemas – que dão origem a pequenas ações artísticas realizadas em sete dias, assumindo a incerteza como motor do processo criativo. Luiza Leite investiga, em *Artista ou escritor conceptual?*, as afinidades entre Kenneth Goldsmith e Ulises Carrión, mostrando como ambos mobilizam procedimentos de apropriação e escrita não criativa que atravessam literatura e arte conceptual, a partir da experiência de uma publicação de artista e de uma performance. Natalie Lima, em *Entre a laranja e o limão*, especula sobre a rubrica como procedimento textual comum a Mona Hatoum, Yoko Ono e Remedios Varo, relendo essas escritas à luz da sua própria prática poética. Claudio Moreira percorre os deslocamentos da escrita nos processos de Vito Acconci, onde linguagem e corpo se enredam, mostrando como as suas instruções performativas desautomatizam a linguagem e transformam gestos e espaços em superfícies de inscrição. Débora Pazzeto, em *Plano de fuga: arte | pensamento queer | cuir*, transforma o plano de ensino numa tática drag, parodiando as normas académicas para expor e subverter a sua performatividade reguladora, propondo uma crítica *queer* dos discursos programadores e dos imaginários normativos que habitam as estruturas do conhecimento. Por fim, Jorge Sousa Braga, em *Quando a lua desce à terra*, oferece uma tradução poética do corpo feminino, um gesto delicado que devolve a palavra à carne.

Em 3. *Testes de Aplicação Crítica*, a instrução poética assume a forma de recensão literária: leituras operativas que prolongam e interrogam obras recentes, oferecendo ao leitor novas hipóteses de aproximação. Mais do que meros exercícios de descrição, estas críticas tornam-se gestos interpretativos, que exploram tensões, descobrem brechas e propõem modos de usar livros, baralhos de cartas e exposições. Porém, se este módulo tem a capacidade de iluminar os artefatos que lhe servem de ponto de partida, também os desestabiliza, permitindo-lhes circular de novos modos. Daí que a recensão se transforme em ação: dispositivo que reinscreve as obras no espaço público, sugerindo desvios e outras possibilidades de leitura. Assinam estas recensões Annita Costa Malufe, Ana Carolina Meireles, Mafalda Pereira, Diogo Marques e Ana Sabino, Emanuel J. Santos, Greta Usai e Sílvia Wichan.

Por fim, 4. *Dispositivos Poéticos* apresenta uma constelação de poemas que se comportam como fragmentos, partituras, instruções abertas à ativação. Aqui, os textos convocam leitura e gesto em simultâneo, assumindo formas que oscilam entre sonhos, algoritmos, cartas, objetos e comandos. Acontece que estes poemas não se leem apenas: executam-se, reencenam-se, desafiam a passividade do leitor, convidando-o a sonhar, jogar, cuidar, resistir. No fundo, são já um programa à espera de ser corrido:

```
// Módulo 4: Dispositivos Poéticos
function iniciarModulo4() {
  definir constelacao = [
    { autor: "Rui Torres", poema: "Alusanhador", acao: "ensinar(IA, sonhar) +
    misturar(código, espectros)" },
    { autor: "Bruno Ministro", poema: "How to Make an AI Poem", acao:
    "executar(receita_dadaísta, IA, humor_inquisitivo)" },
    { autor: "Bruno Neiva", poema: "Calendar (for George Brecht)", acao:
    "percorrer(ano, gestos, indeterminação)" },
    { autor: "Maria Brito", poema: "Instructions", acao: "formular(instruções, mínimas,
    enigmáticas)" },
    { autor: "Isabel Baraona", poema: "Cartas de Amor", acao: "enviar(postais,
    confidências_falsas, clichê_amoroso)" },
    { autor: "Gab Marcondes", poema: "Alfaobjeto", acao: "jogar(letras, tapar,
    descobrir, poesia_colectiva)" },
    { autor: "Liliana Vasques", poema: "O poema que prescreveu", acao:
    "prescrever(palavras, gestos, possibilidades)" },
    { autor: "Sandra Guerreiro Dias", poema: "poema: modo de atuar", acao:
    "actuar(linguagem, corpo, espaço)" },
    { autor: "Álvaro Seica", poema: "CONTRA A EXTINÇÃO NA TERRA", acao:
    "catalogar(memórias, afectos, planeta)" },
    { autor: "Thomas Ballhausen", poema: "Carbon Copy. Excerpts from a Manual Before
    the War", acao: "instalar(replicante, distopia_existencial, ameaça_personalidade)" }
  ]
  para cada item em constelacao {
    activar(item.poema)
    executar(item.acao)
  }
  return "Leitor ativado: pronto para sonhar, jogar, cuidar, resistir"
}
// chama a função para iniciar o módulo
iniciarModulo4()
```

0.3 Antes do Jogo

Por fim, gostaríamos de deixar um agradecimento especial a Rosa Maria Martelo, por ter acompanhado e auxiliado todo o processo de elaboração deste dossiê. Agradecemos igualmente a Gabriela Marcondes e Gustavo Peres, que nos cederam a imagem de seu “Alfaobjeto” para compor a capa do presente número. O poema em questão indica um caminho de entrada, um convite: não apenas a ler, mas a agir, a experimentar, a seguir –

ou a contrariar – as instruções que aqui se entrelaçam. Cada um destes módulos é uma engrenagem no mecanismo do dossiê, mas também uma porta que pode ser aberta isoladamente, um caminho a percorrer à sua maneira. Cabe agora ao leitor-jogador escolher por onde começar e como combinar as peças. Que cada texto reunido seja não um destino, mas um ponto de partida; não um mapa fechado, mas um itinerário em aberto para novas práticas, novas intervenções e desvios imprevisíveis. Que o leitor se deixe implicar na dinâmica destas instruções poéticas, aceitando o risco de se perder e a alegria de encontrar outros caminhos.

Mas antes mesmo de o jogo começar, uma última instrução: respire fundo e lembre-se que se cada página é uma proposta, cada gesto de leitura será já um gesto de escrita.

Diogo Marques^{*}
Carla Miguelote^{**}

NOTAS

^{*} Diogo Marques é investigador no CODA – Centre for Digital Culture and Innovation (FLUP) e membro integrado do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML). Doutorado em Materialidades da Literatura (FLUC, 2018), centra a sua investigação nas Humanidades Digitais Criativas, com ênfase na literatura computacional e práticas artísticas colaborativas. É Investigador Responsável do projeto *Breaking the Code* (DARIAH ERIC, 2025–26). Coorganizou os volumes *Investigação-Experimentação-Criação* (Porto: FFP, 2020) e *Corpo, Manifesto* (Porto: Cassiopeia, 2025). Cofundador do coletivo d1g1t0 (wreading-digits.com). Colabora com o MATLIT LAB, da Universidade de Coimbra.

^{**} Carla Miguelote nasceu em Niterói (RJ), em 1977. É professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Desenvolveu uma investigação de pós-doutorado no Instituto de Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2023-2024). Publicou os livros de poemas *Conforme minha médica* (Confraria do vento, 2016), *O mapa do céu na terra* (Círculo de poemas, 2023) e *Vênus em gêmeos* (NAU Editora, 2024). Também é autora dos livros de ensaios *Palavra e imagem na arte contemporânea: usos do vídeo e do arquivo* e *Poéticas queer: lesbofeminismo e outras insurgências* (NAU Editora, no prelo). Dirigiu os curtas feministas *Amiga oculta* (2017), *Qual imagem* (2018) e *Esguicho* (2019), exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais.